

Desutilidade poética: decolonialidade à luz da poesia inventiva de Manoel de Barros

GEANE ULIANA MIRANDA*

Resumo: Objetiva-se relacionar o conceito de decolonialidade com a poesia de Manoel de Barros. Inicia-se com a elucidação do que é colonialidade, decolonialidade e pensamento decolonial, especialmente sobre a colonialidade do ser e o eurocentrismo. Discute-se a diferença de descolonização e de decolonialidade; indica-se a relevância do Grupo Modernidade/Colonialidade; e se expõe que o espelho eurocêntrico distorce a imagem do espelho dos povos latino-americanos. Posteriormente, apresenta-se a poesia inventiva do referido poeta, com destaque à desutilidade poética expressa em sua obra, a qual valoriza a simplicidade e as coisas pequenas que são desvalorizadas ao olhar hegemônico. Constatase a importância do pensamento decolonial para a renovação crítica epistêmica e a necessidade do fomento de discursos que rompam a hegemonia da opressão e evidenciem a potencialidade de saberes advindos da periferia. Nessa perspectiva, aposta-se na poesia de Manoel de Barros como uma força decolonial no cenário da poesia brasileira.

Palavras-chave: Manoel de Barros; poesia; pensamento decolonial

Poetic disutility: decoloniality in the light of Manoel de Barros' inventive poetry

Abstract: The objective is to relate the concept of decoloniality with the poetry of Manoel de Barros. It begins with the elucidation of what coloniality, decoloniality and decolonial thinking are, especially about the coloniality of being and Eurocentrism. The difference between decolonization and decoloniality is discussed; the relevance of the Modernity/Coloniality Group is indicated; and it is exposed that the Eurocentric mirror distorts the mirror image of the Latin American peoples. Subsequently, the inventive poetry of the aforementioned poet is presented, highlighting the poetic disutility expressed in his work, which values simplicity and small things that are devalued to the hegemonic gaze. The importance of decolonial thinking for the critical epistemic renewal and the need to promote discourses that break the hegemony of oppression and evidence the potential of knowledge coming from the periphery are evidenced. From this perspective, the poetry of Manoel de Barros is believed to be a decolonial force in the scenario of Brazilian poetry.

Key words: Manoel de Barros; poetry; decolonial theory.



* GEANE ULIANA MIRANDA é Psicóloga e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES.

Poesia é voar fora da asa
(BARROS, 2013, p. 278).

1. Introdução

Este ensaio teórico-analítico tem por objetivo relacionar o conceito de decolonialidade com a poesia de Manoel de Barros. Com os conteúdos abordados se buscou abordar os seguintes questionamentos: o que é colonialidade, decolonialidade e pensamento decolonial? Por que a poesia de Manoel de Barros pode contribuir para a decolonialidade?

Faz-se relevante mencionar que tanto o conceito de decolonialidade quanto a obra de Manoel de Barros precedem discussão vasta e complexa. Portanto, o presente ensaio não tem a pretensão de esgotar o debate, limitando-se a instigar o interesse pela temática proposta. Destaca-se que Manoel de Barros é um dos nomes fundamentais da poesia brasileira, além de possuir relevância internacional e ter sido destinatário de diversas premiações (ROSSI, 2011). Igualmente importante, no contexto da América Latina, o pensamento decolonial advém de um movimento epistemológico essencial para a renovação crítica das ciências sociais (BALLESTRIN, 2013), que está engajado com a justiça econômica e a igualdade global (MIGNOLO, 2017).

Para abordar as perguntas norteadoras e permitir reflexões acerca da temática, apresenta-se, a seguir, uma breve discussão sobre a colonialidade, a decolonialidade e o pensamento decolonial, a fim de discutir, posteriormente, a respeito da poesia de Manoel de Barros.

2. Pensamento Decolonial

Tudo que não invento é falso
[...] *Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas*
(BARROS, 2013, p. 319-320)

Vale esclarecer que a discussão proposta se limita à colonização dos europeus na América Latina, portanto não há menção a outros continentes, como África, Ásia ou Oceania. Nesse sentido, utiliza-se a expressão periferia, regiões e países periféricos para se referir aos países latino-americanos que foram subjugados pela colonização europeia. Também cabe reiterar que o debate sobre pensamento decolonial é extenso, englobando, dentre outros, crítica em relação ao eurocentrismo e à modernidade e conceituação sobre trans-modernidade, sistema-mundo-europeu-patriarcal, colonialidade do poder, saber e ser (ADAMS *et al.*, 2015; BALLESTRIN, 2013; CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007; MENEZES, LINS; SAMPAIO, 2019; RESTREPO, 2015; QUIJANO, 2005). Para os objetivos do presente texto, almejou-se apenas uma breve explanação acerca de decolonialidade, pensamento decolonial, colonialidade, em especial a referente ao saber, e eurocentrismo para, então, relacioná-los à poesia inventiva de Manoel de Barros.

Primeiramente, é relevante esclarecer que, longe de ser um erro de grafia, a letra “s” é suprimida da palavra “decolonial” de modo proposital para demarcar uma diferenciação em relação à descolonização como recorte histórico (BALLESTRIN, 2013). Ainda no que tange à terminologia, de acordo com Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), Quijano opta por “colonialidade” em vez

de “colonialismo” para assinalar a continuidade das relações coloniais no período atual, as quais não se limitam às questões econômicas, políticas, jurídicas ou administrativas, mas também dizem respeito à epistemologia e à cultura.

Dito isso, apresenta-se a definição de “decolonialidade” trazida por Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) em contraposição à “descolonização” enquanto um acontecimento da história dos países latino-americanos. Há um entendimento político e acadêmico que as relações coloniais acabaram com o fim do colonialismo histórico, marcado pela dependência e obediência da colônia à metrópole. Nesta concepção, a partir do dismantelamento da administração colonial, da independência e da consequente formação de Estado-nação, alcançar-se-ia a descolonização e, portanto, ter-se-ia superado o colonialismo. Contudo, o conceito de decolonialidade compreende que o término da colonização não acarretou mudanças significativas na hierarquização étnico-racial e na divisão internacional do trabalho entre centro e periferia (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007).

Nessa via, Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) apontam que a descolonização, ocorrida a partir do século XIX, foi incompleta, limitando-se à independência jurídico-política das periferias. Em contrapartida, os autores propõem que a segunda descolonização seja a decolonialidade, voltada ao rompimento das hierarquias econômicas, raciais, epistêmicas, sexuais e de gênero, as quais a primeira descolonização deixou intactas. Desse modo, atualmente, países periféricos, outrora colônias dos países europeus, ainda se encontram submetidos a processos de exclusão, que são atualizações de séculos de dominação colonial europeia.

Isso significa dizer que ocorreu descolonização política e jurídica, com a proclamação de independência e o estabelecimento da soberania do Estado-nação, porém não houve o rompimento das relações coloniais de dominação referentes à etnia-raça, ao trabalho, à cultura, à subjetividade e à produção do conhecimento.

Ainda nessa perspectiva, compreende-se que o colonialismo e a consequente violência colonial não se limitaram à ocupação da terra e à extração dos recursos materiais, estendendo-se a uma ocupação do ser, exercendo, também, controle em nível psicológico (ADAMS *et. al.*, 2015). Por isso, atualmente, a descolonização precisa atingir outras dimensões, para além da jurídico-política, a fim de romper a colonialidade do poder, do ser e do saber.

Em relação à continuação da colonização no período atual, para Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), vive-se uma transição do colonialismo moderno (da colonização da América até a Guerra Fria) à colonialidade global (do fim da Guerra Fria até os dias atuais), que acarretou transformações nos modos de dominação, mas manteve a estrutura das relações centro-periferia em escala mundial. Se por um lado houve a descolonização enquanto um acontecimento jurídico-político, por outro, após a Segunda Guerra Mundial, as novas instituições do capital global, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM); as organizações militares, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN); e as agências de inteligência, como o Pentágono, mantiveram a periferia em uma posição subalterna (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007). Isso é, a forma de organização do capitalismo global contribui para a manutenção da

subalternização das regiões periféricas. Nesse sentido, Quijano (2005) argumenta que o capitalismo mundial, desde seu cerne, é colonial, moderno e eurocêntrico, de forma que a Europa e os (as) europeus (europeias) ou descendentes, como os (as) americanos (as) brancos (as), situam-se no centro do mundo capitalista, caracterizando uma geografia social do capitalismo.

Como já mencionado, a colonialidade atinge diversas dimensões da vida. Destaca-se aqui a colonialidade do saber, que diz respeito à esfera epistêmica e pode ser compreendida como colonização das formas de produzir conhecimento (BALLESTRIN, 2013). A colonialidade do saber está diretamente ligada ao eurocentrismo, definido por Quijano (2005, p. 126) como “uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias e diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo”. Ou seja, o eurocentrismo, em seu caráter hegemônico, proporcionou a colonização do saber em nível mundial, impondo-se como verdadeira e única forma de se produzir conhecimento, de modo a subalternizar a alteridade de saberes.

Tendo em vista o rompimento da colonialidade e o destaque à produção epistêmica das regiões periféricas, no meio acadêmico, intelectuais latino-

americanos de diferentes universidades das Américas e de diversas áreas do conhecimento formaram um coletivo, denominado

Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C)¹. O M/C advoga pelo pensamento ou giro ou opção decolonial, nas dimensões política, epistêmica e teórica, como forma de atuar e compreender o mundo, caracterizado pela continuidade da colonialidade global nas diferentes esferas da vida pessoal e coletiva (BALLESTRIN, 2013).

Diante do exposto, urge romper com a colonialidade do saber, marcada pelo eurocentrismo epistêmico, uma vez que esta perspectiva de produção de conhecimento privilegia certos lugares de fala, em teoria neutros e objetivos, em detrimento dos saberes oriundos das regiões periféricas (MENEZES; LINS; SAMPAIO, 2019). Nessa via, de acordo com Quijano (2005), a colonialidade do saber funciona como um espelho que distorce aquilo que reflete: a imagem refletida não é falsa, pois latino-americanos (as) são marcados (as) por diversos traços europeus, porém também não é verdadeira, em razão da tamanha distinção entre América Latina e Europa. Por isso, para o autor, a imagem sempre será parcial e distorcida. Diante disso, advoga-se pela necessidade de “[...] aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos” (QUIJANO, 2005, p. 139).

¹ Para evidenciar a diversidade de nacionalidades e saberes, destacam-se o nome, o campo de atuação e a naturalidade de alguns dos principais membros: Aníbal Quijano (sociólogo peruano); Arturo Escobar (antropólogo colombiano); Catherine Walsh (lingüista estadunidense); Edgardo Lander (sociólogo venezuelano); Enrique Dussel (filósofo argentino); Immanuel Wallerstein (sociólogo estadunidense); Santiago Castro-Gómez (filósofo colombiano); Nelson

Maldonado-Torres (filósofo porto-riquenho); Ramón Grosfoguel (sociólogo porto-riquenho); Walter D'Ávila Mignolo (semiótico argentino); e Zulma Palermo (semiótica argentina) (BALLESTRIN, 2013). Contudo, aponta-se a inexistência de membros brasileiros, o que, para Ballestrin (2013), é problemático por não trazer a especificidade da colonização portuguesa e manter o Brasil, de certa forma, fora do cenário latino-americano de debate.

Em suma, diferencia-se o colonialismo (colonização europeia de territórios além-mar por meio de controle político, jurídico, administrativo, econômico etc.) da colonialidade (continuidade das relações coloniais de poder em âmbitos culturais, epistêmicos, raciais etc.). De igual modo, contrapõe-se a descolonização histórica (período de independência política, jurídica e administrativa das colônias em relação às metrópoles europeias) da decolonialidade (luta pela ruptura da colonialidade que continua inferiorizando as regiões periféricas). Também se reforça que o pensamento ou giro ou opção decolonial é uma perspectiva política, epistêmica e teórica de resistência à continuação da colonialidade latino-americana e suas formas de dominação.

Finaliza-se com uma defesa desafiadora do pensamento colonial: “El camino es largo, el tiempo es corto y las alternativas no son muchas. Más que como una opción teórica, el paradigma de la decolonialidad parece imponerse como una necesidad ética y política para las ciencias sociales latinoamericanas²” (CASTRO-GÓMEZ; GROSFOGUEL, 2007, p. 21).

Tendo explanado brevemente acerca de alguns conceitos e debates do pensamento decolonial, faz-se oportuno adentrar na poesia inventiva de Manoel de Barros, a fim de abordar as questões norteadoras do texto.

3 Manoel de Barros: o Poeta Inventor

Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja
(BARROS, 2013, p. 320)

Conforme relatado, a colonialidade impõe formas hegemônicas de agir, viver e pensar, que perpassam a produção intelectual, caracterizada pela violência epistêmica. Embora dominante, a colonialidade do saber não consegue silenciar a pluralidade epistêmica emergida na periferia. Neste contexto de alteridade de saberes, destaca-se a obra do poeta cuiabano Manoel de Barros, que, com a valorização do que é desvalorizado e o foco nas coisas pequenas, configura-se como um contraponto ao que é hegemônico, de forma a permitir a decolonialidade do olhar (CHAVEIRO; FONSECA; PENALVA, 2019).

Mosca pendurada na beira de um ralo –

Acho mais importante do que uma joia pendente.

Os pequenos invólucros para múmias de passarinhos que os antigos egípcios faziam.

Acho mais importante do que o sarcófago de Tutancâmon.

O homem que deixou a vida por se sentir um esgoto –

Acho mais importante do que uma Usina Nuclear. Aliás, o cu de um a formiga é também muito mais importante do que uma Usina Nuclear.

As coisas que não têm dimensões são muito importantes.

² “O caminho é longo, o tempo é curto e as alternativas não são muitas. Mais que uma opção teórica, o paradigma da decolonialidade parece se impor como uma necessidade ética e política

para as ciências sociais latinoamericanas” (CASTRO-GÓMEZ; GROSFOGUEL, 2007, p. 21, tradução nossa).

Assim, o pássaro *tu-you-you* é mais importante por seus pronomes do que por seu tamanho de crescer.

É no ínfimo que eu vejo a exuberância

(BARROS, 2013, p. 316-317).

Na poesia acima é possível notar a valorização das coisas miúdas, que sob o paradigma hegemônico seriam desvalorizadas, como uma mosca ou uma formiga. Nesse sentido, Manoel de Barros realiza uma inversão de valores, já que para o mundo capitalista uma joia é muito mais valorosa do que uma mosca, assim como uma usina nuclear tem infinitamente mais valor do que um homem ou uma formiga. Assim, o poeta vai na contramão da lógica mercantil ao enfatizar a exuberância do que é ínfimo, chamando a atenção àquilo que é minorizado. Com isso, acredita-se que essa poesia das coisas pequenas pode apontar em direção a uma decolonialidade do olhar acostumado à perspectiva dominante — capitalista, eurocêntrica, branca, heteronormativa e patriarcal.

Sem a pretensão de criar ou reforçar universais, conforme ocorre na produção eurocêntrica, a obra de Manoel de Barros trata da vida cotidiana do Pantanal. Para Gonçalves (2012), ao criar a poesia, o poeta recria seu mundo de modo dinâmico, em que experimentar a palavra é também experimentar o mundo. Nesse sentido, Manoel de Barros se ocupa das coisas consideradas sem importância, expressando-se por meio de sua “desutilidade poética”, que busca a simplicidade da natureza, dos animais, da infância, do mundo que o cerca, via desconstrução da linguagem em uma lógica que está fora do previsível e rotineiro (GONÇALVES, 2012).

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.

Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.

A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.

O truque era só virar bocó.

Como dizer: Eu pendurei um bentevi no sol ...

O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa passava um rio inventado.

O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem princípios.

Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor diminuído só para ele voar parado?

As distâncias somavam a gente para menos [...]

(BARROS, 2013, p. 305).

Como se pode observar, a “desutilidade poética” é justamente a característica de Manoel de Barros de valorização da simplicidade e da desimportância, produzindo uma subversão do olhar. Em sua poesia, ele convida o (a) leitor (a) a enxergar o mundo de forma não naturalizada, a sair da significação hegemônica, buscando outros significados ao mundo que nos cerca. A princípio estranha ou sem sentido, a invenção de novos pontos de vista, como um rio que é inventado ou a distância que soma para menos, pode ser entendida como um convite para a desnaturalização da vida. O rompimento da hegemonia de pontos de vistas e o estímulo à multiplicidade de significação parece indicar a possibilidade de sair da colonialidade do saber para se abrir à porosidade da alteridade.

Retomando os trechos da poesia de Manoel de Barros citados no início do tópico anterior, questiona-se: afinal, o que é uma história verdadeira? É verdade

para quem? A verdade é inventada ou é falso aquilo que se não inventa? Será que a narrativa epistêmica eurocêntrica, referida a si mesma como verdadeira, é uma invenção oriunda da colonialidade do saber? Será que a poesia advinda da periferia pode “voar” para fora do eurocentrismo? É possível aguçar os sentidos para apropriação de produção intelectual advinda da pluralidade de saberes, fora do eixo de epistemologia eurocêntrica?

Compreende-se que, ao valorizar a invenção por meio da metapoesia e do “manoelês”, Manoel de Barros parece fazer um convite para questionar as verdades absolutas, o eurocentrismo epistêmico e, portanto, a colonialidade do saber. Nessa via, no documentário sobre a vida e a obra do poeta, consta a provação advinda da poesia inventiva de Manoel de Barros: só dez por cento é mentira, o resto é inventado (CEZAR, 2008). Ou ainda, também indo na contramão da lógica da colonialidade do saber, que impõe a epistemologia eurocêntrica como verdadeira, inquestionável e exemplar, o poeta redigiu: “Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira” (BARROS, 2013, p. 319).

De acordo com Gonçalves (2012), Manoel de Barros afirmou gostar de modificar, de forma a não aceitar o mundo como está. Nesse sentido, cabe à poesia quebrar o sentido original das palavras para poder lhe dar asas.

As lições de R.Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar (BARROS, 2013, p. 324).

É possível visualizar que Manoel de Barros, em sua potência subversiva de transver o mundo, cria sua linguagem “manoelês”, com suas próprias normas e formas de escrita. “Escrevo o idioleto manoelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias” (BARROS, 2013, p. 314). Assim, o poeta produz uma ruptura à gramática normativa, fazendo emergir uma poesia isenta dos padrões vigentes, bem como constrói seu mundo fugindo do que é estipulado como normal (GONÇALVES, 2012). Isso vai de encontro à norma culta da língua portuguesa, determinada como padrão hegemônico a se seguir. Por outro lado, aposta-se na “poesia do inútil”, escrita em “manoelês” e, indubitavelmente, encantadora. “Eu não quero dar informações. Nunca quis dar informações. Eu quero dar encantamento” (CEZAR, 2008, s/p).

4 Considerações finais

*Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora.*

FIM

(BARROS, 2013, p. 320).

Retomando o objetivo inicial, o presente artigo buscou relacionar a decolonialidade à poesia de Manoel de Barros, a qual se considera inventiva e, de certa forma, um convite à decolonialidade. Primeiramente, explicou-se o que é colonialidade, decolonialidade e pensamento decolonial. Em seguida, apresentou-se a poesia inventiva do referido poeta, com destaque à desutilidade poética expressa em sua obra. Com isso, espera-se que tenha sido possível compreender a contribuição de Manoel de Barros para a decolonialidade.

Reitera-se a importância do pensamento decolonial, que denuncia a permanência das forças colonizadoras e se mostra como uma renovação crítica epistêmica. Nesse sentido, é preciso fomentar práticas e discursos que rompam a hegemonia da opressão e evidenciem a potencialidade de saberes e experiências advindas da periferia. Assim, buscou-se demonstrar o quanto a poesia de Manoel de Barros pode ser compreendida como uma força decolonial no cenário da poesia brasileira.

Para finalizar, embora o caminho seja longo, o tempo seja curto e não se tenha muitas alternativas (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOQUEL, 2007), a partir da desutilidade poética de Manoel de Barros, realiza-se o convite para transver e deformar o mundo, a fim de buscar romper a imagem distorcida do espelho eurocêntrico (QUIJANO, 2005). Quiçá com a poesia do inútil possamos “voar” para além do eurocentrismo e enxergar quem realmente somos.

Agradecimento

A elaboração deste texto foi possível a partir das contribuições das aulas da disciplina “Seminário de Pesquisa em Processos Psicossociais VII”, ofertada aos (às) discentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP/UFES) no período letivo de 2021/1. A disciplina supracitada abordou o tema “Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul: perspectivas para a descolonização da Psicologia”. Cabe agradecimento, em especial, à professora doutora Júlia Alves Brasil, que foi responsável pela condução da disciplina.

Referências

- ADAMS, G. *et al.* Decolonizing Psychological Science: Introduction to the Special Thematic Session. **Journal of Social and Political Psychology: Special Thematic Section on Decolonizing Psychological Science**, v. 3, n. 1, p. 213-238, 2015. Disponível em: <https://jspp.psychopen.eu/index.php/jspp/article/view/4851/4851.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2021.
- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.
- CASTRO GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: S. Castro Gómez; R. Grosfoquel (Eds.). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global** (p. 9-23). Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosgoquelcastrogomez.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.
- CHAVEIRO, E. F.; FONSECA, C. L. A.; PENALVA, G. Descolonizar o olhar, provocar a imaginação: natureza, espaço, saber e linguagem em Manoel de Barros. **REVELLI**, v. 11, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/reveli/article/view/9061>. Acesso em: 06 jul. 2021.

CEZAR, P. (Produtor e Diretor). **Só dez por cento é mentira** (documentário). Brasil: Artezanato Eletrônico, 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mW_WAIQ. Acesso em: 06 jul. 2021.

GONÇALVES, W. B. **Manoel de Barros: o poeta das coisas sem importância. Uma poesia sobre nada**. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1245/1/CT_LBHN_VII_2012_20.pdf. Acesso em: 06 jul. 2021.

MENEZES, J. A.; LINS, S. S.; SAMPAIO, J. V. Provocações pós coloniais à formação em psicologia. **Psicologia Sociedade**, v. 31, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Smrgx8QZPdGW6RwwJLL8b8M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2021.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistasunilaedubr/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 06 jul. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: E. Lander (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas** (pp. 227-278). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colección Sur Coleciona, CLACSO, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 06 jul. 2021.

RESTREPO, E. Sobre os Estudos Culturais na América Latina. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 21-31, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/20325/12750>. Acesso em: 06 jul. 2021.

ROSSI, D. C. **A invenção de um des-objeto: Emergência, Arte Naif e os pássaros**. Núcleo de Pesquisa PIPOL: Projetos Integrados de Pesquisa On-Line. Bauru: UNESP, 2011. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/Departamentos/Design/ProjetosApresentados/desrelatorio.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Recebido em 2022-03-20
Publicado em 2022-07-01